

“As semanas de anos para expiação do Templo Judaico” e o “chifre que proferia blasfêmias”: A interpretação romanizante da “quarta besta” de Dn por Jerônimo.

Diego Lopes da Silva¹

Resumo: O presente artigo trata da apropriação cristã feita pelo complexo mítico das quatro idades do mundo. O livro de Daniel (Dn) propõe a divisão da história em quatro grandes reinos, o babilônico, medo, persa e o grego, entretanto os cristãos apropriam deste mito e inserem Roma como última das monarquias mundiais, a fim de mostrar a perversidade e atrocidade deste império que seria a representação do caos e da destruição. Alguns autores cristãos contemporâneos ao império romano como Jerônimo defendem Roma como última das monarquias mundiais a fim de mostrar a proximidade da parousia e justificar que a perseguição sofrida pelos cristãos nos primeiros séculos de sua existência seriam a evidência do governo romano como a personificação da malignidade e perversidade humana. Sendo assim, retrato neste artigo como os cristãos se apropriaram do livro de Dn, principalmente de Dn 2 e 7 escrito num outro contexto sociocultural para lançar a expectativa de um retorno messiânico triunfal e inserir Roma como a monarquia mais terrível e temível de todas, a representação do Anticristo.

Palavras-Chave: Livro de Dn, Jerônimo, Bestas, Monarquias, Helenismo e Impérios.

Abstract: This paper aims at presenting the christian appropriation intertwined with the mythical complex of the four ages. The book of Daniel proposes the historical division into four great ages: the Babylonian, Medes, Persian and Greek; however, the christians appropriate this myth and insert Rome as one of the last worldwide monarchies, by means to demonstrate both its perversity and atrocity and the portrait of chaos and destruction. Certain contemporary christians authors to the Roman kingdom as Jerome support Rome as one of the lasts worldwide monarchies in the world, in order to display its connection with the parousia and justify the persecution suffered by the christians in the first centuries of its existence. This would be an evidence of the Roman government's actions being seen as the embodiment of human perversity. So, this paper displays the christians' appropriation of the book of Daniel, mainly chapters 2 and 7, which was written in a very discrepant social context in order to give foundation to the great second coming of Christ and insert Rome as the cruelest and most redoutable monarchy, the Antichrist portrait.

Key-words: Book of Daniel, Jerome, Beasts, Monarchies, Hellenism and Kingdoms.

O tema que venho apresentar neste artigo diz respeito à variedade interpretativa de Daniel (Dn) 7, relacionada a visão da “quarta besta” às monarquias mundiais. Tenho como objetivo principal mostrar como se articularam as diferentes interpretações dadas ao longo dos

¹ Mestre em História pelo PPGHIS/UnB (Programa de Pós Graduação em História da Universidade de Brasília).
Email para contato: diegolph@hotmail.com

*Artigo submetido em set/2011 e aprovado por pareceristas em jun/2012.

tempos ao capítulo 7 do livro de Daniel², mais precisamente Dn 7.1-13,19-27, principalmente quando se trata do quarto animal misterioso, a quarta besta:

No primeiro anos de Baltazar, rei da Babilônia, Daniel, estando em seu leito, teve um sonho, e visões lhe assombraram à sua mente. Ele redigiu o sonho por escrito. Eis o começo da narrativa: Tomou a palavra Daniel, dizendo: Eu estava contemplando a minha visão noturna quando vi os quatro ventos do céu que agitavam o grande mar. E quatro feras monstruosas subiam do mar, uma diferente da outra. A primeira era semelhante a um leão com asas de águia. Enquanto eu o contemplava, suas asas foram arrancadas e ele foi erguido da terra e posto de pé sobre suas patas como um ser humano e um coração humano lhe foi dado. Apareceu a segunda fera, completamente diferente, semelhante a um urso, erguido de um lado e com três costelas na boca, entre os dentes. E a este diziam: “Levanta-te e devora muita carne!” Depois disso, continuando eu a olhar, vi, ainda outra fera, semelhante a um leopardo, que trazia sobre os flancos quatro asas de ave; tinha também quatro cabeças e foi-lhe dado o poder. A seguir, ao contemplar essas visões noturnas, vi a quarta fera, terrível, espantosa, e extremamente forte: com enormes dentes de ferro, comia, triturava e calcava aos pés o que restava. Muito diferente das feras que a haviam precedido, tinha esta dez chifres.

Eu continuava contemplando, quando foram preparados alguns troncos e um Ancião sentou-se. Suas vestes eram brancas como a neve e os cabelos de sua cabeça alvos como a lã(...), Eu continuava contemplando, então, por causa do ruído das palavras arrogantes que proferia aquele chifre, quando vi que a fera foi morta e seu cadáver entregue ao abrasamento do fogo. Das outras feras também foi retirado o poder, mas elas receberam um prolongamento de vida, até uma data e um tempo determinado(..), a quarta fera será o quarta reino na terra diferente de todos os reinos. Ela devorará a terra inteira, calcá-la-á os pés e as esmagará, os dez chifres são dez reis, que surgirão desse reino, e outro se levantará depois deles e este será diferente dos primeiros e abaterá três reis, preferirá insultos contra o Altíssimo, e porá prova os santos do Altíssimo.

O artigo lida com as interpretações mais correntes no meio acadêmico: a primeira explicação do trecho bíblico vincula a imagem da “quarta besta” ao mundo helenístico, e a segunda explicação dada é que este animal misterioso seria o Império Romano. Ao longo dos séculos inúmeros debates foram levantados acerca destas hipóteses de explicação do trecho bíblico, entretanto, esta é a alternativa dita vitoriosa pela igreja na antiguidade, sendo exatamente a que apresenta problemas de datação, citação e de corpus literário.

O autor de Dn busca explicar os acontecimentos históricos com uma periodização em quatro grandes impérios: o babilônico, o medo, o persa e o grego, relacionando cada um

² Livro de Daniel será a partir deste momento representado pela sua sigla Dn como é retratado nas escrituras bíblicas e utilizado na Society Biblical Literature.

desses impérios a metais em ordem decrescente de valor conforme encontramos em Dn 2:31-45. Já em Dn 7:3-14 os impérios são simbolizados por meio de animais fantásticos. Quando da redação final de Dn, a Judéia estava sob o domínio do imperador selêucida Antioco IV Epífanes, que a governou de 175-163 a.C. Seu governo foi marcado por uma das maiores revoltas da história judaica, conhecida como Revolta dos Macabeus.

As causas imediatas dessa revolta foram à proibição de culto ao Deus dos judeus e sua substituição por divindades gregas, com a profanação do Templo de Jerusalém. Logo se observa na leitura de Dn que existem valores que o visionário nos quer transmitir, dentre os principais vê-se: a necessidade da nação de Israel se arrepender³ de seus pecados e se chegar a Deus, de não se contaminar com valores helenísticos, isto é tentar manter um tipo de “isolamento” cultural, entre a idéia de um deus governante dos judeus da cultura pagã helenística, propondo assim o autor de Dn representar o período de turbulência política e cultural advinda na Judéia durante o governo de Antioco Epífanes, representando tal reino, a última monarquia das sucessões das monarquias mundiais, sendo posteriormente restabelecida a ordem pela figura do libertador, isto é do Messias.

No decurso do artigo busco analisar e compreender as explicações sobre a visão do autor de Daniel, e suas interpretações possíveis ao longo dos séculos, em especial a dada por Jerônimo, autor cristão do século IV d. C, propõe uma reinterpretação de Dn 7⁴. Sua interpretação insere Roma no lugar da Grécia como último império pagão; para respaldar sua interpretação Jerônimo se utiliza de um argumento teleológico, afirmando que se a “quarta besta” representasse o mundo helenístico, então o Messias deveria, por analogia, ser Judas Macabeu.

As problemáticas a serem desenvolvidas são por ordem atentar para a questão levantada por Jerônimo de acordo com a releitura que faz do livro de Daniel, quanto a aplicação da noção de “quarta besta”, quer seja relacionada à Grécia, ou a Roma; o porquê dessa explicação, e neste ponto, parece importante sondar o contexto na qual ela foi criada, além de buscar nas fontes da época, principalmente nos autores da patrística e nos comentadores posteriores relatos que corroboram ou inviabilizam a hipótese levantada por Jerônimo e pelos demais estudiosos da apocalíptica judaica e cristã.

³ A idéia da teodicéia, isto é da Justiça Divina permeia grande parte dos escritos sagrados, mostrando que Deus é amor, mas também pune aqueles ao qual escolheu pelos seus erros e falhas.

⁴ Jerônimo não é o primeiro autor a propor uma leitura romanizante de Daniel. Entre os autores anteriores a proporem essa interpretação estão o autor de 4 Ezra e o historiador Flávio Josefo, embora Jerônimo seja o primeiro a propor um argumento factual a favor do império romano na divisão das monarquias mundiais de Dn 2 e 7.

Analisar-se-á também a vinculação do imperador selêucida Antioco IV, Epífanes, à figura de um perseguidor dos santos, responsável por impedir o culto ao único soberano Deus dos judeus; a partir dos fatos relatados pelo autor de Daniel busca-se responder qual vínculo que poderia existir entre a figura de Antioco IV, Epífanes e a “quarta besta” que compõe a visão daniélica da divisão da história mundial, relacionando também a percepção da exegese posterior dos textos pelos estudiosos de escatologia bíblica.

Observa-se que os conflitos de resistência cultural por parte dos judeus na antiguidade fora em muitas formas alimentado pelas idéias de supremacia cultural e pela suas peculiaridades religiosas de não se “misturar” nem se envolver com outros povos e nações pagas.

A “quarta besta” se tornou durante os séculos um lugar comum associado a coisas ruins, tanto para o judaísmo quanto para o cristianismo, visto que sua representação - temível e espantosa - ganhou para os judeus o contorno de uma grande opressão a qual vivera o povo de Israel e Judá, e para o cristianismo representou o símbolo do caos e da perseguição romana aos cristãos e do levante do diabólico Anti-Cristo, visto por alguns como Nero, e por outros, como um homem que ainda há de se levantar na terra. O desfecho de opressão dos cristãos e a perseguição, porém, ainda é o mesmo.

Avalia-se neste caso que não há essa unidade que represente o que chamamos de quarta besta, mas vários significados atribuídos a essa imagem, visto que conforme as releituras tardias tende-se a substituir o contexto específico do autor de Daniel para situações corriqueiras e atuais ao comentário.

Sendo assim esse texto é visto para os judeus como algo que já ocorreu na dominação cultural helenística; já para os cristãos, principalmente os católicos romanos, como algo que teve seu apogeu no império romano; e para as vertentes protestantes mais conservadoras, o texto remete a algo que ainda vai ocorrer sobre a face da terra. Vê-se a tamanha necessidade de uma pesquisa mais apurada sobre os eventos e as interpretações em questão, que eu visio iniciar neste projeto de iniciação científica.

Inicialmente para podermos melhor entender as diferentes interpretações relativas a “quarta besta” de Dn, precisamos primeiramente definir e entender o que é apocalipse.

Segundo (Cf. COLLINS, 1979) em seus estudos publicados na *Semeia 14* a melhor definição para apocalipse é a seguinte:

Um gênero literário expresso por meio de visões sobrenaturais, na qual os mediadores desta visão são seres sobrenaturais, na sua maioria anjos, que

Em Tempo de Histórias

Publicação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (PPGHIS/UnB)

Nº. 20, Brasília, jan. – jul. 2012. ISSN 2316-1191

*mediam visões ou conhecimentos acerca de um futuro indefinido, tais revelações são realizadas por meio de viagens ao além, visões de eventos históricos, ou por meio de uma indução química*⁵.

Os apocalipses retratam em sua essência uma forma de resistência cultural do judaísmo ou do cristianismo aos valores helenísticos e pagãos respectivamente.

Dentre os apocalipses mais conhecidos temos: I II e III Enoch, Livro dos Jubileus, IV Ezra, Daniel, Apocalipses de Elias, Adão e, principalmente pelos cristãos, o de São João. Esses apocalipses tentam fazer com que os homens suportem as provações e as dificuldades de seu tempo histórico tendo como recompensa por sua bravura e por não se misturar com os povos pagãos a ressurreição e a vida eterna (Dn 12.1-2; Jo 14.1-6).

Os contextos históricos relativos à criação dos apocalipses são em sua maioria, tempos de perseguição e de dificuldades quer seja para o cristianismo – caso do governo de Domiciano⁶ (51-96), na qual a perseguição foi intensa, o que fez com que esses cristãos tivessem que se refugiarem em abrigos secretos e subterrâneos para realizarem seus cultos de adoração a Jesus Cristo, o que era blasfêmia para religião romana que tinha como deus à figura do próprio imperador, assim como seus deuses gregos - quer para os judeus - que viam na figura de Antioco IV, Epifanes, um homem ímpio, pois este além de sua incapacidade de governar a Judéia, passou a oprimir os judeus com impostos altos, e a tentar destruir o elo unificador do povo que era a religião.

Sua tentativa se viu frustrada visto que o povo judeu em sua maioria rejeitava os valores helenísticos, excetos aqueles que seguiam Jasão⁷ e que viam na figura da cultura helenística uma forma de unificar o povo e de fazer com que os judeus passassem a ser conhecidos ao longo do mundo.

Observa-se que os apocalipses eram formas dos judeus e dos cristãos tornarem explícitas suas indignações contra o sistema, sendo estas representadas por meio de figuras fantásticas, e o desfecho cabal da história da humanidade, tendo como prêmio, a posterior glorificação da alma e a libertação do cativo da perseguição pela figura Messiânica.

⁵ Indução química é o meio utilizado em alguns casos a fim de que o visionário tenha a visão das coisas celestes ou do futuro, no caso de 4 Ezra é através da ingestão de *memendro*, planta tipicamente oriental, encontrada na Judéia do séc II a. C.

⁶ Domiciano reformou a administração romana, recompôs Roma a partir das ruínas provocadas pelos incêndios de 64 e de 80, e cobriu a fronteira danubiana com uma linha de fortificações. Expulsou de Roma filósofos e matemáticos, e perseguiu os cristãos.

⁷ Jasão era um judeu helenizado que queria que o processo de helenização cultural fosse repassado para toda Judéia, sendo posteriormente extirpado por Judas Macabeu durante a revolta.

Com relação às interpretações relativas a “quarta besta”, existe diversas interpretações dadas ao longo do tempo, porém somente duas de forte valor acadêmico, primeira interpretação diz respeito ao animal (quarta besta) relacionando ao império helenístico, que na visão proposta pelo autor de Dn que supostamente estava cativo na Babilônia⁸ (que já supõem um ambiente sincrético) pelo imperador Nabucodonosor, nesta interpretação os quatro reinos que representam a sucessão das monarquias⁹ mundiais são: Babilônia, Medo, Persas e os Gregos.

Na visão proposta pelo autor de Dn, o mundo estava passando por um processo de incredulidade e desvalorização das coisas divinas, a nação de Israel estava passando por um momento de apostasia, onde grande parte de seu povo não mais creditava a glória a seu Deus, antes valorizava mais a atuação cultural helenística do que as leis e costumes dados por Deus ao povo judeu. A situação era horrível no contexto da fé judaica¹⁰ a contaminação e o envolvimento com outros povos e culturas eram proibidos conforme se lê em Lv 20:26: “Sede Santos por que eu sou santo e separei-vos dos povos para serdes meus”.

Observa-se com a situação de paganização da fé judia, vê-se a necessidade de reapropriação das idéias apocalípticas a fim de trazer a alusão à necessidade de um retorno às origens da fé, sem mistura e contaminação com a cultura helênica de adoração de divindades estranhas e práticas não condizentes com a Torah, logo o autor de Dn vê na figura do imperador Antioco IV Epifanes, um homem ímpio por causa de sua obsessão por helenizar a Judéia e destituir as práticas religiosas dos judeus, a fim de padronizar o culto as divindades gregas em todas as áreas da Judéia e em todo mundo selêucida.

Entretanto, como o historiador Flávio Josefo menciona, Antioco IV não sabia que um dos fatores mais importantes do judaísmo e a necessidade do culto á YAHWEH, e sua substituição por Zeus Olimpo seria uma grande blasfêmia ao nome do Senhor e ao povo judaico, e promoveria um conflito em grandes proporções como fora o conflito dos Macabeus. Observa-se então que o autor de Dn tende a rejeitar as supostas propostas de Antioco IV,

⁸ A Babilônia é mostrada nos textos bíblicos como um lugar de depravação moral e ética, tal imagem irá permanecer no imaginário cristão, onde o autor de Apocalipse irá mencionar no final do seu livro a destruição da Babilônia, como representação do império Romano, sendo destruído pelo reino de Cristo.

⁹ A própria idéia de sucessão de monarquias mundiais mostra antecedentes do mundo oriental, sendo mais claro do mundo persa, sob a idéia Ctesias que viva na coorte persa, representada por Heródoto na sua História. Outras concepções meta-históricas semelhantes parecem se derivar desta mesma fonte, que são a idéia dos metais e idades do mundo, entretanto ressaltando a antecedência da idéia dos metais como originadora do mito, representada em Hesíodo.

¹⁰ Como fator helenizador de suma importância para o povo judaico vemos a figura do ginásio onde a população judaica praticava suas lutas com povos de outras nações, com o corpo untado por óleo e fazia algo com se fosse uma re-circuncisão, isto é uma cirurgia na qual voltava ao estado original conforma vemos descrito no livro de I Macabeus contemporâneo do autor de Dn.

fixando assim a imagem da “quarta besta” sobre Alexandre, o qual começou o processo de helenização do mundo conhecido, já sobre a figura de Antioco fixa a imagem do chifre blasfemo, que seria um prolongamento deste processo de modificação cultural que como forma de provação de Deus para o povo judeu seria necessário adentrar ao território da Judéia, a fim de que tivesse a separação dos “santos” e dos “impuros”, os que buscavam não se contaminar teriam como recompensa a ressurreição dos mortos e a vida eterna, já aqueles que aderiram as práticas pagas participariam da ressurreição, porém para a vergonha e humilhação eterna como se vê em Dn 12:1-2.

Analisa-se que a figura da quarta besta se faz necessário a fim de que o remanescente judaico não se contaminasse com as abominações feitas pelas nações pagãs, logo cria tal figura mítica e temível a fim de trazer espanto e temor aos judeus, mostrando que Deus estava no controle permitindo que o império helenístico tivesse tamanha atuação na Judéia sob o tronco selêucida a fim de que se mostrasse no período da luta e perseguição os verdadeiros santos e incorruptíveis do Deus Altíssimo.

Na perspectiva histórica as “setentas semanas de Daniel”¹¹, seria o tempo de perseguição de Antioco IV, desde a profanação do Templo em 167 até sua morte em 164, mostrando que seu reino cruel e ímpio teria a duração de aproximadamente três anos e seis meses.

A segunda interpretação se baseia na idéia do império romano como sendo o último das sucessões das monarquias mundiais, segundo tal interpretação os impérios seguiriam a seguinte ordem; o primeiro seria o Babilônico, o segundo o Medo-Persa, o terceiro o helenístico e o quarto seria o Romano. Nesta visão o animal terrível e espantoso apresentado em Daniel seria uma profecia que teria seu cumprimento no advento do império romano, através de suas conquistas e expansões sucessivas se tornou um império de proporções mundiais, fazendo assim com que os judeus se subordinassem às determinações políticas, econômicas e culturais do império; com isso as orientações religiosas dos judeus estariam sufocadas pela cultura romana¹², assim os judeus passaram por inúmeros problemas diante da dominação romana, fatos registrados parcialmente pelo historiador Flávio Josefo contemporânea da Guerra dos Judeus contra os Romanos que se iniciou no ano de 66 d. C, o

¹¹ As setenta semanas de Daniel se encaixam nas profecias ditas ex-eventus, isto é, o autor da profecia a profere depois de ter acontecido, isto nos remete a ligação do ano em que foi confeccionada a obra (164-162), e o tempo de lutas e perseguições vividas pelo próprio autor de Dn.

¹² Entende-se por cultura romana uma derivação latina da cultura helenística, desde seus aspectos estruturais até as divindades os romanos copiaram, a fim de mostrarem que em grandeza nada deviam ao mundo helenístico e como nação dominante deveria submeter os deuses gregos a uma mudança de nome, passando assim para versão latina.

conflito segundo Josefo teve como uma das causas para sua eclosão à peculiaridade religiosa dos judeus que não aceitava a dominação e imposição da cultura romana e sua divindades no meio judaico, os judeus sem dúvida muito mais cruéis que os selêucidas fizeram uma varredura total, buscando eliminar todos os que não se curvassem a seus deuses e nem cultuassem ao imperador como Deus.

Outro fator que nos ajuda a compreender tal interpretação é o advento do cristianismo e sua expansão, através da mensagem de Cristo e de seus apóstolos, uma mensagem de um evangelho igualitário, que beneficiaria os pobres e humildes, e numa mensagem clara contra a tirania e a imposição através da força. Logo, os cristãos primitivos viam em Roma a alusão daquele animal terrível mencionado em Dn 7, visto que as perseguições empreendidas pelos imperadores romanos nos séculos I¹³ e II eram constantes ao cristianismo, as atrocidades chegaram a ponto do apóstolo Paulo¹⁴ ser condenado à morte por decapitação por pregar a Jesus Cristo como único Deus Salvador e Redentor.

Logo com tamanhas perseguições os cristãos primitivos, os chamados: cristãos da patrística viam em Roma o cumprimento da profecia de Dn 7 da “quarta besta” e de Dn 2 das pernas de ferro da estátua do sonho de Nabucodonosor, visto que fora sob a vigência do império Romano que Jesus Cristo foi condenado à morte, e seu sangue puro e imaculado foi vertido pela injustiça de Pôncio Pilatos. Como Jesus na visão cristã de homem-Deus como menciona Is 53:1-5; Jo 10.31 levou todos os pecados e injustiças da humanidade, ele como Santo e Justo teria que punir o império romano pela violência¹⁵ cometida contra os cristãos por estes o adorarem e prestarem culto ao seu nome. Logo, a expectativa de um desfecho da história ganha ares dramáticos no livro de Apocalipse de João, o único apocalipse cristão aceito no cânon das escrituras, neste livro vemos a forte influência da perspectiva da quarta besta em Dn 7 e da besta que emerge do mar em Ap 13. Nesta vemos a alusão implícita ao império romano, como aquele que persegue e mata as “testemunhas” fieis de Deus e as almas daqueles que foram mortos pela perseguição pedia vingança ao Senhor. Em Ap 17:9, vemos

¹³ O primeiro século é tido como período de maior perseguição dos cristãos, principalmente sob os governos de Nero e Domiciano, onde as atrocidades a que pronunciasse o cristianismo como regra de fé eram comuns, punições que em sua grande maioria resultava em morte dos mártires por pregarem e anunciarem outro deus além do imperador.

¹⁴ É considerado pela grande maioria dos estudiosos no Novo Testamento como o homem que expandiu a fé cristã, sendo a grande pessoa do cristianismo depois de Jesus Cristo, autor de 13 epístolas que compõem o cânon do Novo Testamento, trás como mensagem à salvação e vivificação pelo arrependimento e perdão pelo sangue de Jesus Cristo.

¹⁵ Para termos uma idéia da violência cometida pelos romanos aos cristãos vê segundo a tradição da igreja nos mostra a morte de Pedro, o apóstolo foi na cruz de cabeça para baixo, Timóteo, discípulo de Paulo, segundo a tradição foi amarrado em um cavalo e arrastado pelas praças de Roma.

uma citação que deixa explícito para o leitor que a nova babilônia que será consumida pelo juízo divino é Roma.

Observa-se que os pais da Igreja buscavam fazer um estudo conjunto dos livros de Dn e Apocalipse de João a fim de que pudessem apresentar uma doutrina de escatologia para a Igreja, neste contexto enquadra-se Jerônimo, autor da patrística que viveu aproximadamente de 340-420, autor da tradução em latim das escrituras sagradas denominada Vulgata, fez um estudo comparativo sobre o livro de Daniel e Apocalipse e acabou encontrando neles inúmeras similaridades, entre as quais está a interpretação da quarta besta, isto é Jerônimo via na figura do império romano o fim da história, ele acreditaria que o mundo romano era o único a englobar a tamanha perversidade proposta pelo autor de Dn, pois foi neste mundo que mataram o filho de Deus, e neste mundo que não respeitava os cristãos e os judeus, apesar de ter vivido numa época posterior as perseguições São Jerônimo, via que a suposta trégua e adoção por parte do governo romano do cristianismo como religião oficial do império, apenas como a chamada falsa paz, que sucederá a tribulação.

Dentro da expectativa de Jerônimo era questão de tempo, a fim de que os romanos novamente se revoltassem contra os cristãos e voltassem a perseguir e matá-los, o mal só cessaria quando o próprio Senhor Jesus Cristo retornasse para realização do juízo divino, para justificar sua interpretação diante da já formulada por Hipólito no século II, ele justifica se “na realidade a quarta besta mencionada em Dn fosse Antioco IV, Epifanes, então por dedução o Messias e Salvador teria que ser Judas Macabeu”, nisto ele se baseou para desenvolver o rol doutrinário da igreja católica, entretanto na própria palavra no hebraico Ungido, quer dizer libertador, então pode se aplicar a Judas Macabeu, pois ele foi o libertador daquele jugo instituído por Antioco IV.

Jerônimo busca respaldo para utilização de sua interpretação em livros considerados apócrifos que não encontraram colocação no cânon sagrado como é o caso do IV Ezra, que faz menção explícita a Roma como última monarquia mundial e também ao historiador Flávio Josefo, que por ter ganhado o título de cidadão romano sob o governo de Vespasiano, “puxava a sardinha” para seu lado, mencionando Roma como última monarquia mundial. Vale ressaltar que Jerônimo é um dos primeiros estudiosos a buscar fazer um estudo comparativo entre Dn e Ap, e analisá-los buscando uma resposta única que atendesse aos dois contextos diferentes.

Entretanto, vale lembrar que a figura de Roma nos relatos de Josefo é ambígua, ao mesmo tempo em que ela está do lado da Fortuna, visto que a Fortuna passou dos judeus para

o lado romano (Josefo. BJ 5.352-354), este também crítica o rigor como Roma persegue os judeus. Observa que Josefo menciona Roma como última monarquia mundial, porém o caráter malévolos é deixado em segundo plano.

(...)subitamente vieram à sua mente aqueles sonhos noturnos, nos quais Deus lhe tinha revelado o destino iminente dos judeus e dos soberanos romanos. Ele [Josefo] era intérprete de sonhos hábil em adivinhar os proferimentos ambíguos da divindade; ele mesmo era sacerdote, e descendente de sacerdotes, e ele não ignorava as profecias dos livros sagrados. Naquele momento teve a inspiração de ler seu significado, e, lembrando-se das imagens recentes de sonhos terríveis, rezou em silêncio a Deus. “Já Que Te agrada”, ele disse, “a ti criaste a nação dos judeus, destruir a tua obra, já que a fortuna passou para os romanos.

Apesar de termos uma concepção meta-histórica semelhante entre Josefo e Daniel. Ambos supõem que o governo humano só pode ser exercido por consentimento divino – embora existe a coexistência entre Deus e a Fortuna. Não obstante não são apenas umas tradições que associam recentes que associam à Roma a quarta monarquia; é o entendimento corrente em Jerônimo e na patrística, embora a interpretação que nega que seja Roma, e sim a Grécia seja mais antiga.

No IV livro de Ezra a partir do capítulo 11 até o 12:39, observa a clara alegoria danielica, e a retirada do império helenístico como quarta monarquia mundial, e a inserção de Roma como vemos no cap 12:10, onde há a interpretação da quinta visão, isto é da visão da águia, onde diz o seguinte: “(...) Esta é a interpretação da visão que você viu; a águia que você viu saindo do mar é o quarto reino, que apareceu na visão a seu irmão Daniel. Porém eu não expliquei a ele, e agora te explicarei (...)”.

Ao longo da narrativa fala um pouco dos reis do império e suas maldades, observa que há uma reinterpretação do fato mencionado, aonde o Messias futuramente viria e teria uma caráter fortemente destruidor e condenatório daquele nação que perseguia os fiéis, que o faz ganhar novo significado e dar a Jerônimo o respaldo necessário para sua interpretação.

Outro elemento importante para a constituição patrística da interpretação romanizante é o próprio Cristo¹⁶ quando utiliza o texto de Dn 11.31; a passagem da abominação da desolação e o coloca num contexto futurístico em Mt 24.15:

¹⁶ Jesus Cristo trata a passagem de Daniel como uma profecia que teria total cumprimento num contexto futuro e na sua segunda vinda a Terra, onde teria fim a abominação da desolação e na implantação do Reino de Deus sobre a Terra, mas um motivo que Jerônimo utiliza para jogar a interpretação do texto para seu contexto, visto que ele estava esperando ansiosamente a segunda vinda de Jesus para resgatar os puros e julgar aqueles que cometeram tamanhos pecados.

Quando, pois, virdes que a abominação da desolação de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo”, Cristo utiliza os relatos daniélicos e transforma numa profecia sobre uma grande perseguição que ocorreria com aqueles que fossem fieis, outro fato curioso é que Cristo também utiliza Mt 24.22: “E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas por causa dos escolhidos, serão abreviados aqueles dias.

Uma idéia da aplicação das setenta semanas de (Dn 9.24-27) ao seu contexto ratificando assim a idéia que fora desenvolvida em outro contexto aplicando ao seu, logo Cristo como humano acreditava que Daniel fosse um profeta e que suas profecias teriam parte do cumprimento nele como observa na expressão utilizada por Jesus Filho do Homem, que também tem paralelismo com (Dn 7.13), e outras teriam cumprimento ainda num futuro próximo, como esta de Daniel que segundo ele próprio seria aproximadamente 1290 dias segundo (Dn 12.11).

Estas são as duas interpretações mais correntes sobre a quarta besta de Daniel, e os argumentos utilizados pelos autores da patrística, em especial Jerônimo a fim de reinterpretarem o texto de Daniel na sua concepção das quatro monarquias mundiais, como a última sendo Roma, quer seja em extensão territorial, ou em malignidade aos novos convertidos a religião cristã.

Com a ajuda do método de análise comparativo, pode-se observar que há divergências nos próprios discursos de Jerônimo; no comentário a Daniel afirma ser a Babilônia a primeira monarquia, já no prefácio a Daniel coloca a Assíria, mostrando que ele tinha diferentes discursos em relação a seu público alvo, nos discursos aos cristãos ele declarava Babilônia, já para os pagãos retirava a Babilônia e inseria a Assíria.

Com relação a Roma, Jerônimo se mostra convicto nos seus discursos de que seu tempo seria o último e que a mensagem relatada no livro de Dn teria seu pleno cumprimento na *parousia*¹⁷. Ele também se mostra rude e ofensivo contra aqueles que não compartilhavam de sua interpretação, considerando até hereges e deturpadores da mensagem sagrada. Pode-se afirmar que Jerônimo, vivendo a expectativa de um retorno eminente do Messias, buscava dar esta explicação aos fieis a fim de que eles pudessem permanecer guardando a palavra de Deus, e não desanimarem na fé, tendo perseverança de que por mais que as circunstâncias estivessem adversas, tais lutas iriam cessar quando Cristo resgatasse os puros para habitarem com ele na mansão celestial e implantasse na terra seu reino de paz.

¹⁷ Palavra grega que significa a segunda volta do Messias, a fim de resgatar os justos e punir aqueles que cometeram iniquidades.

Observa-se que as argumentações propostas por São Jerônimo em relação à quarta besta como Roma se mostra infundada por desrespeitarem o tempo e as circunstâncias vividas pelo autor de Dn, e lançar para o presente, isto é, ao Império Romano o cumprimento da mensagem bíblica. Ferindo assim o princípio de contextualização do texto com a época de sua redação.

Logo, Jerônimo tinha em sua mente plena convicção de que estaria vivendo os últimos dias, e que o sentido da história seria determinado por uma entidade que lhe é externa, isto é Deus e a conduz até um fim, isto é o termino da última monarquia na suposta “profecia” daniélica. Assim, Jerônimo acreditava que com o fim do já decadente Império Romano, também haveria um desfecho da história global, sendo assim nada mais natural que ele trouxesse o desfecho para seu tempo presente, e buscasse adequar as escrituras bíblicas ao seu modo de vida no sentido aplicativo, buscando nas “profecias” sobre as últimas coisas e a *parousia*, isto e a segunda vinda de Cristo ocorreria em sua época, para dar fim à última besta que seria Roma, e implantar o Reino messiânico.

Referências Bibliográficas:

- BARDY, G e LEFEBVRE, Maurice (eds.). *Commentaire sur Daniel / Hippolyte*. 1947
Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1985.
- Caset, M. “Porphyry and the Book of Daniel” in: *Journal of theological Studies* 27, 1976.
- CHARLESWORTH, J. *The Old Testament Pseudepigrapha*. New York: Doubleday, 1983.
- COHN, N. *Cosmos, caos e o mundo que virá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- COLLINS, J, J. (ed). Semeia 14: “*Apocalypse the morphology of a genre*”, 1979.
- _____. *Daniel, with an Introduction to Apocalyptic Literature*, 1984.
- _____. *The Apocalyptic Imagination*, 1984.
- FLUSSER, D. 2001. "O quarto império – e o Rinoceronte Indiano". In: Flusser, D. *O Judaísmo e as origens do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- HASEL, G. "The four world empires of Daniel 2 against its Near Eastern environment". In: *Journal for the Study of the Old Testament* 12, 1972.
- HENGEL, M. *Judaism and Hellenism*, London: SCM, 1974.
- JEROME. *Commentary on Daniel*, Paris, 1958.
- ROWLAND, C. 1982. *The Open Heaven*. London: SPCK, 1982
- ROWLEY, H, H. 1959. *Darius the Mede and the Four World Empires in the Book of Daniel*. Cardiff: University of Wales Press, 1959.

RUSSEL, D. 1964. *The Method and Message of Jewish Apocalyptic*. Philadelphia: The Westminster Press, 1964.